
RESENHA

O conceito de tecnologia, Álvaro Viera Pinto

Daniel Arruda Coronel*

José Maria Alves da Silva**

O livro *O conceito de tecnologia*¹, de autoria de Álvaro Viera Pinto, publicado *post mortem* em dois volumes pela Editora Contraponto, é o resultado de 1410 páginas datilografadas que foram descobertas ao acaso pela irmã do advogado que cuidou dos bens e escritos do autor após a sua morte e de sua esposa.

O professor Álvaro Vieira Pinto (1909-1987) foi catedrático de filosofia da Faculdade de Filosofia, da então Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com tese defendida na França sobre cosmologia em Platão. Em 1956, juntou-se a outros intelectuais brasileiros na fundação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), cujo Departamento de Filosofia passou a chefiar.

No panteão dos grandes pensadores brasileiros, Vieira Pinto se destaca pela postura assumidamente subversiva de suas posições em política, economia e cultura, razão pela qual, como não poderia deixar de ser, acabou sendo perseguido pelo regime ditatorial que se instalou no país a partir de abril de 1964. O educador Paulo Freire² (1970) se referia a ele como o “mestre brasileiro”, devido às suas contribuições em prol da emancipação nacional, de estratégias autônomas de desenvolvimento e uma educação humanizadora com respeito à realidade social, política e cultura do educando. Pela forma contundente como seus escritos denunciavam as estratégias de dominação das grandes potências, o professor Celso Furtado³ (1985), referiu-se a eles como manifestações de um “nacionalismo exacerbado”.

O Conceito de Tecnologia, v.1, objeto desta resenha, compõe-se de sete capítulos intitulados: *Em face da era tecnológica, O homem e a máquina, A técnica, A tecnologia, As Antecipações da “razão técnica”, O conceito de tecnoestrutura e o Desenvolvimento e categorias da razão técnica*. O

* Doutorando em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Bolsista de Doutorado do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Endereço eletrônico: daniel.coronel@ufv.br.

** Professor Associado da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Doutor em Economia pela Universidade de São Paulo (USP). Endereço eletrônico: jmsilva@ufv.br.

¹ PINTO, A. V. **O Conceito de Tecnologia**. São Paulo: Contraponto, 2008. v. 1.

² FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

³ FURTADO, C. **A fantasia organizada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

volume dois consiste exclusivamente de uma extensiva e minuciosa reflexão sobre o conceito de cibernética.

Nesta obra, Vieira Pinto leva o método marxista materialista dialético às suas últimas consequências, mesclando vários elementos de economia, política, cultura, sociologia e hermenêutica filosófica. Pensadores sérios poderão discordar de certas proposições ali contidas, mas dificilmente deixarão de admirar a amplitude da sua base filosófica e a forma pela qual o conceito de tecnologia é esmiuçado em seus mais recônditos significados.

Nos sete capítulos do volume I, quatro temas merecem destaque especial: a distinção entre técnica e tecnologia, a relação do homem com a tecnologia, a avaliação do uso da tecnologia e o conceito de tecnoestrutura, associado ao nome de John Kenneth Galbraith. O destaque aos três primeiros justifica-se pelo fato de que, no curso deles, as reflexões do autor são repletas de ideias iluminadoras, capazes de deixar marcas profundas nos espíritos mais abertos tanto quanto desconforto aos refratários que persistirem até o fim. Quanto ao capítulo seis, que trata do conceito de tecnoestrutura, achamos cabível destacá-lo aqui porque, em nosso entender, nele revela-se uma visão que julgamos equivocada ou mesmo preconceituosa do autor.

Um dos grandes equívocos que costumam permear certas discussões da tecnologia tem a ver com indevidas associações entre este conceito e o conceito de técnica, que não obstante o que possam ter em comum, constituem categorias analíticas sumamente distintas. O conceito de técnica, *techne*, que, desde a Grécia antiga estava presente nas discussões filosóficas de pensadores como Platão e Aristóteles, não pode ser reduzido a um simples processo, como um modo de fazer algo. Na concepção de Vieira Pinto, a técnica é imanente à espécie humana, a única, dentre todas as demais espécies vivas, que tem por natureza própria a faculdade de produzir e inventar meios artificiais de resolver problemas. Já a tecnologia é a ciência da técnica, que surge como exigência social numa etapa ulterior da história evolutiva da espécie humana. As novas tecnologias nascem, de um lado, devido à posse dos instrumentos lógicos e materiais indispensáveis para se chegar a uma nova realização, na base dos quais está o desenvolvimento científico, e, de outro, de uma incessante exigência social de superação de obstáculos e busca de inovações, daí porque nenhuma tecnologia se antecipa à sua época.

A relação do homem com a tecnologia, segundo Vieira Pinto, deve ser vista de duas maneiras: o maravilhamento e a dominação tecnológica. O homem primitivo maravilhava-se com os fenômenos da natureza. O homem metropolitano moderno maravilha-se, sobretudo,

com objetos tecnológicos, em virtude de uma “ideologia” que o faz acreditar que vive num mundo magnânimo e progressista. É desse tipo de “maravilhamento” que os países tecnologicamente vanguardistas se valem para dominar os países atrasados, estabelecendo, nas palavras do autor, relações do tipo metrópole-colônia. Para esse fim, estão sempre dispostos a estabelecer relações simbióticas com as elites da periferia, como estratégia para esvaziar a crítica no meio dos intelectuais colonizados, que aderem, por ingenuidade ou ato deliberado de colaborar em troca de *status quo* privilegiado.

O diagnóstico de Viera Pinto sobre a condição dos países subdesenvolvidos tem muitos pontos de contato com a chamada Teoria da Dependência, formulada por Fernando Henrique Cardoso e Enzo Falleto, mas se distingue “dos teóricos da dependência” não só pelo assumido radicalismo quanto pela coerência entre teoria e prática. Sua obra é, sobretudo a de alguém que não se deixou cooptar, como tantos outros intelectuais brasileiros que professavam na juventude a teoria da dependência da qual depois debandaram quando alcançaram posição de mando e poder⁴. Vieira Pinto, ao contrário, manteve-se fiel a uma trajetória de vida engajada na defesa do interesse nacional e do povo brasileiro, como professor e membro fundador do ISEB.

No que concerne à relação entre o homem e a tecnologia, o autor ataca duramente as posições maniqueístas, como as de Heidegger, e de outros autores, como Jacques Ellul, que têm sido rotuladas como determinismo tecnológico. Seu argumento fundamental, nesse sentido, é que, por si só, a técnica e a tecnologia não são boas nem más, visto que ambas são criações humanas, destinadas a servir aos interesses humanos. O que pode ser visto como bem ou como mal depende do uso que se faz delas, ou do lado que se encontram os homens em conflito. Por exemplo, pelo lado americano, a tecnologia utilizada nas bombas de Hiroshima e Nagasaki foi benéfica. Para os japoneses, foi um mal terrível. Vale dizer, a maior fonte do mal ou do bem para o homem é o próprio homem. Ferramentas, máquinas ou quaisquer outros objetos técnicos ou tecnológicos são apenas, e não mais que isso, meios pelos quais o bem ou o mal pode ser praticado. Os futurólogos que profetizam a dominação do homem pela máquina, para outra coisa não servem além de inspirar ideias para livros ou filmes de ficção científica.

Mas, se por um lado a filosofia tecnófoba é duramente atacada, o mesmo ocorre com o pensamento tecnófilo, não como manifestação de ingenuidade ou ambliopia, como no primeiro caso, mas como forma de desmistificação ou denúncia da superestrutura ideológica,

⁴ É bem conhecido o caso de um deles que inclusive pediu que esquecessem o que ele havia escrito.

no que diz respeito à ciência e ao papel dos cientistas e tecnólogos a soldo das grandes corporações capitalistas, que contribuem para o “maravilhamento” do homem moderno, tornando-o ao mesmo tempo cada vez mais compelido a esfalfar-se dia a dia para ter acesso às inovações de consumo, em detrimento da liberdade, da arte, da filosofia, e tudo o mais que pode servir, de fato, para reciclar o espírito e enriquecer a existência humana. É nesse contexto que se insere a crítica ao conceito de tecnoestrutura formulado por John Kenneth Galbraith. Mas, a nosso ver, aqui o autor escorrega, incorrendo em grande equívoco.

Com o conceito de tecnoestrutura e outros elementos de sua obra crítica, Galbraith revela uma nova etapa do capitalismo, que ele originalmente chamou de “novo estado industrial”. Nesse estado, o empreendedor industrial incansável, dotado de grande visão, astuto, artiloso e arrojado, cuja imagem foi “glamourizada” por várias gerações, é substituído por uma plêiade de executivos, dirigentes e técnicos que constituem uma organização com valores e anseios próprios. No “capitalismo de Galbraith”, o poder econômico não pode mais ser personificado no empresário ou no capitalista individual, cuja figura desvanece no ambiente das grandes corporações constituídas como sociedades anônimas. Ele passa a ser exercido por uma organização de executivos e tecnocratas, a tecnoestrutura.

No entanto, Viera Pinto, vê esse conceito como um engodo, um estratagema para disfarçar a luta de classes, acobertar a exploração capitalista e legitimar o imperialismo econômico. Galbraith chega mesmo a ser rotulado como mais um representante dos “interesses ianques”. Em nosso entender isso absolutamente não faz justiça a esse grande autor, que já havia antecipado esse tipo de crítica na primeira edição do “*The new industrial state*”, conforme pode bem indicar a seguinte passagem de seu prefácio para a terceira edição:

“O sistema que descrevo associa o poder à organização, ou seja, à burocracia pública e privada. E isso, afirma-se, obscurece ou até elimina o papel do capitalista. Talvez — asseveram alguns críticos (entre os quais está Vieira Pinto) — isso tenha sido deliberado e insidioso. Há muito tempo o capitalista tem representado um incômodo aos que desejam provar que ele tem a melhor das intenções. Como ninguém pode defendê-lo, seria muito engenhoso simplesmente eliminá-lo. Mas — continuam os críticos — ninguém deve enganar-se. O capitalista está aí à espreita, nos bastidores, controlando os cordéis que impelem seus dirigentes-fantoches, e continua tão poderoso e maligno como sempre foi. O teste — tanto de conhecimento, quanto de probidade — no pensamento econômico e político consiste em ver isso. Não se testa a verdade pelo que existe, mas pela coragem, e esta se mede pela disposição de seguir à risca o puro Marx.” (GALBRAITH⁵, 1988).

⁵ GALBRAITH, J. K. **O novo estado industrial**, São Paulo: Editora Abril, 1988, p. 8-9.

Se for para estabelecer as coisas de acordo com a tradicional dicotomia marxista, em que lado da luta de classes deveríamos colocar os profissionais assalariados de nível superior, como os engenheiros, administradores e advogados que atuam na grande empresa? No lado do trabalhador ou do capitalista? Ou, noutros termos, no lado “explorado” ou no lado “explorador”? Vieira Pinto prefere a primeira opção enquanto Galbraith sugere a segunda.

De nossa parte, preferimos considerar os escritos de Marx e Galbraith mais como complementares do que substitutos. A grande diferença do capitalismo vislumbrado por Marx, na Inglaterra do século XIX, do capitalismo vislumbrado por Galbraith, nos EUA do século XX, é que, neste último, a classe dominante não se vale principalmente do capital, ou da propriedade dos meios de produção, mas também do poder de controlar algo que conta mais que isso, qual seja, o conhecimento científico aplicado e, por meio dele, determinar os rumos do avanço tecnológico, algo que outro grande pensador, Joseph Schumpeter já havia deixado bem claro.

Talvez o fato de não ser um profundo conhecedor da obra de Galbraith, já que esta situa-se num campo que pode não ser facilmente assimilável pela sua filosofia, tenha levado Vieira Pinto a assumir uma atitude desconfiada ou mesmo preconceituosa em relação ao autor de *The New Industrial State*. Tal equívoco é perfeitamente compreensível àqueles que apenas leram os capítulos que tratam do conceito de tecnoestrutura e que se fizessem uma leitura mais atenta do livro todo alcançariam um entendimento diferente. Ademais, em defesa de Galbraith estão várias outras obras, como o *Triunfo* (1968), *A sociedade Afluente* (1974), *A Economia e o Interesse Público* (1975), nas quais ele deixa bem claro sua oposição às políticas de dominação das grandes corporações e à maneira como os Estados Unidos exercem sua dominação sobre os países mais pobres.

Não obstante, o livro de Vieira Pinto deve ser saudado pela academia, pois é uma contribuição *post mortem* de um grande pensador brasileiro, cuja leitura consideramos indispensável para quem almeja uma compreensão mais profunda sobre o conceito de tecnologia e desenvolver suas próprias ideias sobre o tema. Para os jovens estudantes, além do poderoso exercício intelectual que a leitura pode prover, esta obra serve também para incutir neles o espírito crítico e aumentar sua sensibilidade analítica. Os intelectuais brasileiros nacionalistas e todos os que ainda sonham com um projeto desenvolvimentista para o Brasil, visando à emancipação nacional e progresso econômico extensivo a todos os brasileiros, poderão encontrar nela uma referência valiosa para reforçar suas convicções e renovar a esperança.

